

GT36: Ensinar e aprender Antropologia

Guillermo Vega Sanabria, Amurabi Oliveira

Até recentemente, foi notável a expansão que a Antropologia alcançou no Brasil, tanto pelo incremento de cursos de formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação, quanto pela sua inserção em outros contextos educacionais. Esse quadro exige uma reflexão cada vez mais consistente sobre as transformações e as especificidades do ensino e do aprendizado da nossa disciplina. Tal reflexão passa pela análise do processo formativo, em termos pedagógicos e didáticos, por exemplo, mas também por assuntos centrais na configuração da própria disciplina, como a relação entre teoria, métodos e história da antropologia. A discussão proposta por este GT é fundamental para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência e como prática profissional na atualidade. Os trabalhos aqui reunidos visam analisar a formação em Antropologia a partir de sua inserção em diversos espaços educacionais, bem como os desafios postos para sua realização. Também interessa aprofundar nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, no intuito de promover desenvolvimentos didáticos que redundem no aperfeiçoamento da formação não apenas de antropólogos e cientistas sociais, mas também de outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica e, eventualmente, em outros contextos, inclusive não escolares.

QUANDO COMEÇA UMA ETNOGRAFIA?: reflexões iniciais sobre aprendizagens não escolares e gênero

Autoria: Natália de Oliveira Melo

Com essa comunicação propõe-se perguntar: quando começa a pesquisa etnográfica? Considerando a trajetória de uma pesquisadora que se desloca geograficamente para iniciar sua pesquisa de Doutorado, apostamos que ela começa pelos emaranhados/enredamentos desconhecidos (TSING, 2019). O movimento, próprio de uma etnografia (MIZRAHI, 2014), envolve a pesquisa e o pesquisador/a nos entrelaçamentos anteriores ao campo de fato. Nesse texto, propomos que um primeiro movimento da pesquisa etnográfica começa na imersão literária, e esse enredamento abre um mundo de diálogos teóricos que já se relacionam com a pesquisa e com a pesquisadora. Qual o lugar da subjetividade do/a pesquisador/a que está aprendendo a fazer etnografia nesse processo de pesquisa (VEGA SANABRIA, 2019)? Da Matta (1978) sugere que o *anthropological blues* é característico da terceira fase da pesquisa antropológica - o campo, diferenciando-a da primeira, de imersão na literatura. O caso da presente comunicação ajuda a embaralhar uma e outra fase. Não apenas pelo deslocamento que propomos, mas pela imersão na literatura antropológica que uma de nós experimenta. As chaves analíticas nos sugerem fazer uma etnografia acerca das aprendizagens que se desenham com os processos de subjetivação de jovens mulheres (TOREN, 2021), principalmente no que diz respeito à identidade "natural" de ser mulher (BUTLER, 2001, 2019; DELEUZE; PARNET, 1998; GUATARRI; ROLNIK, 1996; HARAWAY, 2019; WITTING, 2019). Esse é assim um primeiro (literalmente) ensaio textual de uma pesquisa etnográfica que se pretende realizar num futuro próximo. Estamos em momento de campo exploratório, delineando nosso objeto com vias a investigar processos de subjetivação feminina juvenil junto ao funk carioca. Nosso problema de pesquisa reside no potencial que as aprendizagens não escolares (Mead, 2015; Lave e Wenger, 1991; Tassinari, 2009; Ingold, 2011, 2015) podem oferecer para e o a discussão sobre gênero. Com a comunicação proposta, de perspectiva feminista, recorreremos a etnografias que nos inspiram, para discutir sobre a aprendizagem na antropologia, a formação da pesquisadora e a produção de subjetividade no processo de pesquisa.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

